



EIXO 6: FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA, ETNOEDUCACIONAL, INTERCULTURAL, AMBIENTAL E DE MIGRANTES

OS 7 T'S DO CURRÍCULO AZUL NA BAHIA: OS MARES E SEUS SABERES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Jessika Alves

IAT-SEC-BA

jessika.aop@gmail.com

Resumo

Os oceanos desempenham um papel fundamental no futuro da humanidade. Em 2025, o Brasil destacou-se como país pioneiro na construção do currículo de Cultura Oceânica, em articulação com a UNESCO. Essenciais à manutenção da vida no planeta, os oceanos atuam na regulação climática, na produção de oxigênio, na conservação da biodiversidade e no equilíbrio dos ecossistemas (Santoro *et al.*, 2020). No contexto nacional, essa importância se expressa de forma estratégica por meio do conceito de Amazônia Azul, denominação atribuída à extensa área marítima sob jurisdição brasileira, com aproximadamente 5,7 milhões de km². Esse território oceânico é rico em biodiversidade, recursos minerais, energéticos e pesqueiros, além de abrigar comunidades tradicionais costeiras e possuir significativo valor geopolítico e ambiental (Castro *et al.*, 2017). Esses aspectos evidenciam a urgência de compreender de forma crítica a definição de Cultura Oceânica e sua incorporação nos currículos escolares como eixo estruturante para a formação cidadã e a promoção da sustentabilidade dos mares brasileiros. Diante desse cenário, o presente trabalho propõe uma abordagem de formação docente em Educação Oceânica, fundamentada na realidade do estado da Bahia e estruturada em torno dos 7 T's: Teoria, Temporalidade, Territorialidade, Teste Científico, Teatralidade, Tradições e Transdisciplinaridade. A proposta surge da necessidade de articular a educação escolar baiana aos desafios socioambientais contemporâneos, com ênfase na Bahia, considerada a capital da Amazônia Azul. Os 7 T's são apresentados como eixos teórico-metodológicos que organizam uma abordagem crítica, integradora e territorializada da Educação Oceânica, em consonância com os sete princípios de Cultura Oceânica propostos pela UNESCO (Santoro *et al.*, 2020). Valoriza-se, nessa perspectiva, o protagonismo das comunidades tradicionais costeiras e



o entendimento de que os mares não são apenas espaços físicos ou paisagens naturais de notável beleza cênica, mas territórios de vida, cultura, história, conflitos e resistência. Formar professores e professoras com base nos 7 T's é formar sujeitos capazes de compreender o oceano em sua complexidade multifacetada. O primeiro T, Teoria, na contramão da lógica tecnicista, ancora-se na Pedagogia Histórico-Crítica de Dermeval Saviani, consolidando a Educação Oceânica como uma dimensão transformadora, por meio do conhecimento sistematizado e crítico (Saviani, 2008). O ensino dos oceanos, assim, deve ultrapassar as superficialidades para se tornar verdadeiramente emancipador, com base em um repertório conceitual, histórico, ecológico e social consistente. O segundo T, Temporalidade, dialoga com o materialismo histórico de Karl Marx e com o pensamento de Anísio Teixeira, que compreendia a escola como uma máquina da democracia (Teixeira, 1936). A temporalidade é fundamental para compreender que o oceano, e os modos de vida a ele associados, transformam-se no tempo e são impactados por dinâmicas políticas, econômicas e ambientais. Dessa forma, a escola assume papel central na construção de uma consciência histórico-ambiental crítica. O terceiro T, Territorialidade, encontra fundamento na obra de Paulo Freire, ao defender que o ato educativo deve partir do lugar vivido e dos saberes locais (Freire, 2002). O litoral baiano, com suas marisqueiras, pescadores artesanais, quilombolas e indígenas, é território de saberes e práticas que precisam ser reconhecidos e valorizados na escola, evitando apagamentos epistêmico. A Educação Oceânica precisa considerar o pertencimento territorial como elemento formativo, promovendo reflexões críticas sobre as relações entre sociedade e natureza nos espaços marinho-costeiros. O quarto T, Teste Científico, propõe a valorização do pensamento investigativo e da alfabetização científica como práticas fundamentais à leitura crítica do mundo. Apoia-se nos pensamentos de Attico Chassot e Paulo Freire, ao defender o ensino dos oceanos a partir do método científico, articulado a uma abordagem inclusiva e libertadora (Freire, 2002; Chassot, 2003; Freire, 2009). Assim, o oceano é apresentado tanto como objeto de investigação quanto como campo de problematizações reais que afetam diretamente a vida das populações. O quinto T, Tensão Criativa, fundamenta-se na aprendizagem triangular de Ana Mae Barbosa, nas práticas do Teatro do Oprimido de Augusto Boal e no construcionismo de Seymour Papert (Barbosa, 1995; Boal, 2014; Massa; De Oliveira; Dos Santos, 2022). Propõe-se o uso da linguagem artística, do jogo, das



tecnologias, da ludicidade e da criatividade como instrumentos de sensibilização e construção do conhecimento no campo da Educação Oceânica. O sexto T, Tradições, retira sua força das epistemologias e cosmologias dos povos do mar, dialogando com Ailton Krenak (Krenak, 2020). Valoriza os saberes ancestrais e os modos de vida que desafiam a lógica do capital e da exploração predatória dos oceanos. A escuta das tradições orais, o respeito à espiritualidade e aos modos próprios de compreender a natureza constituem-se como fundamentos éticos e políticos da proposta. Por fim, o sétimo T, Transdisciplinaridade, fundamenta-se no pensamento complexo de Edgar Morin e na epistemologia transdisciplinar de Basarab Nicolescu, propondo a superação das fronteiras rígidas entre as disciplinas escolares (Santos, 2008; Estrada, 2009). Pensar o oceano exige a integração de saberes das ciências naturais, humanas e sociais, bem como das artes, da literatura e da cultura popular. A transdisciplinaridade configura-se, assim, como uma postura metodológica que articula razão, sensibilidade e ação no ensino do mar. Nesse sentido, uma formação docente ancorada nos 7 T's da Educação Oceânica mostra-se estratégica para pensar um currículo azul em contexto com os territórios costeiros da Bahia. Ao articular saberes científicos e tradicionais em uma abordagem crítica e situada, essa proposta contribui para o fortalecimento de práticas pedagógicas comprometidas com a justiça socioambiental, a valorização da Amazônia Azul e a promoção de uma cultura oceânica no estado.

Palavras-chave: Educação Oceânica. Cultura Oceânica. Currículo.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação pós-colonialista no Brasil: aprendizagem triangular. **Comunicação & Educação**, n. 2, p. 59–64, 1995.
- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido: e outras poéticas políticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- CASTRO, Belmiro M. *et al.* A Amazônia Azul: recursos e preservação. **Revista USP**, n. 113, p. 7–26, 2017.
- CHASSOT, Attico. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Revista Brasileira de Educação**, p. 89–100, 2003.
- ESTRADA, Adrian Alvarez. Os fundamentos da teoria da complexidade em Edgar



Morin. **Akrópolis: Revista de Ciências Humanas da UNIPAR**, v. 17, n. 2, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MASSA, Nayara Poliana; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; DOS SANTOS, Josely Alves. O construcionismo de Seymour Papert e os computadores na educação. **Cadernos da FUCAMP**, v. 21, n. 52, 2022.

SANTORO, Francesca *et al.* **Cultura oceânica para todos: kit pedagógico**. UNESCO Publishing, 2020.

SANTOS, Akiko. Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, p. 71–83, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a democracia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.